# Capítulo IX — Continuação do precedente

Ouçamos agora santo Agostinho. Nenhum Padre da Igreja pôs tanta força e perseverança em combater o deplorável uso dos clássicos pagãos como esse admirável doutor, cujo coração, tão belo quanto o gênio, queria a todo custo preservar a infância de um perigo em que ele mesmo encontrara miseravelmente a sua perda. Começa indicando o motivo pelo qual os pais o faziam estudar os autores pagãos; é exatamente o mesmo que hoje se apresenta.

> *Diziam-me, escreve, é ali que se aprende a bela linguagem; é ali que se haure a eloquência tão necessária para persuadir e para expor vitoriosamente o pensamento.*[1]

Ora, mostra por um exemplo não somente a frivolidade, mas ainda o perigo de semelhante motivo.

> *Ora essa!, diz ele, não conheceríamos estas palavras, chuva de ouro, regaço, adorno, se Terêncio não nos falasse de um jovem libertino que se propõe o próprio Júpiter por modelo de uma infâmia? Não, não é aprendendo essa torpeza que aprendemos essas palavras, mas é por essas palavras que se aprende a cometer com mais segurança essa torpeza.*[2]

Depois, cheio de dor e de indignação, exclama:

> *Ai de ti, torrente do costume! Quem deterá os teus estragos? Quando serás secada? Até quando arrastarás os filhos de Eva a esse mar imenso, formidável, que mal atravessam os mais bem aparelhados? Não é essa bela ciência da fábula que nos mostra um Júpiter tonante e adúltero? É uma ficção!, clamam todos os mestres. Ficção quanto queirais; mas essa ficção faz que os crimes já não sejam crimes e que, ao cometer semelhantes infâmias, se tenha o ar de imitar, não homens perversos, mas os deuses imortais.*

>

> *E contudo, ó rio infernal!, é pela isca das recompensas que se embarcam os filhos dos homens na corrente das tuas ondas, a fim de lhes fazer aprender essas coisas! Não acuso as palavras, que são vasos preciosos e inocentes, mas o vinho do erro e do vício que nos apresentavam mestres embriagados; e se não bebíamos, éramos açoitados, sem nos ser permitido apelar a um juiz sóbrio...; e porque eu aprendia essas coisas com prazer, chamavam-me criança de grande esperança.*[3]

O próprio Virgílio, o mais casto dos poetas latinos, fez profundas feridas na sua alma.[4]

> *Aprendi, diz ele, ao estudá-lo, muitas palavras úteis que teria aprendido igualmente lendo coisas menos vãs; mas, além disso, aprendi as aventuras de não sei que Eneias, e esquecia os meus próprios erros. Aprendi a chorar Dido, que se matara por ter amado demais; e eu mesmo, encontrando a morte ao ler essas culpadas loucuras, não tinha para mim nenhuma lágrima nos olhos. Que deplorável endurecimento! Se me quisessem privar dessa leitura, chorava por não ter nada que chorar; e é semelhante demência que se chama belas-letras!*[5]

E vós, mestres, professores, regentes, que ainda hoje fazeis questão capital do estudo do que chamais a bela latinidade; que não receais propor como modelos Horácio, Catulo, Terêncio, muito mais perigosos que Virgílio; que tratais de bárbaro tudo o que não traz o cunho da sua linguagem, ouvi como santo Agostinho julga a vossa conduta:

> *Faziam-me considerar como negócio capital, a que me forçavam a aplicar-me pela esperança das recompensas ou pelo temor dos castigos, o aprender as palavras cheias de dor e de cólera de Juno, impotente para impedir Eneias de abordar a Itália. Obrigavam-nos a dizer em prosa algumas das coisas que o poeta dissera em verso; e o mais aplaudido era o que melhor representasse a cólera e a dor dessa deusa imaginária. Vede, Senhor, meu Deus, vede que importância os filhos dos homens dão a sílabas e a letras, e esquecem os vossos preceitos! A tal ponto que censuram mais facilmente quem tiver faltado a uma aspiração ao pronunciar uma palavra do que quem não temer infringir a vossa lei. É de espantar que todas essas vaidades me tenham afastado de vós, ó meu Deus!, se não cessavam de propor à minha imitação homens que não deixavam de cobrir de ridículo, se, ao relatar as suas ações, aliás irrepreensíveis, tinham a desgraça de cometer um barbarismo ou um solecismo; ao passo que eram cumulados de louvores desde que tivessem o talento de narrar as suas infâmias em linguagem correta e elegante!*[6]

Quais foram para o jovem Agostinho os frutos dessa educação pagã, tão perfeitamente semelhante à nossa? O que devem ser, o que serão sempre: a predominância do sensualismo, o enfraquecimento do espiritualismo; em outros termos, a imoralidade precoce e o desgosto das coisas de Deus.

> *Quando fui mais adiantado em idade, diz ele mesmo, propus-me ler as Escrituras, a fim de saber o que era. Mas não era capaz de lhes penetrar o sentido; o meu orgulho recusava submeter-se às suas lições. O estilo, os pensamentos, tudo me parecia indigno de ser comparado à majestade de Cícero. O inchaço do meu espírito não podia suportar a sua linguagem; o meu olhar não penetrava a profundidade dos seus pensamentos. A sabedoria que ali se faz ouvir é a que se compraz com as crianças; e eu recusava ser criança e, embriagado de mim mesmo, julgava-me algo de grande.*[7]

Não o esqueçamos, a história de Agostinho é mais ou menos a história de todos os jovens; a história do seu coração é a história do coração humano. É, pois, de espantar ouvir esse grande homem elevar a sua voz poderosa e clamar a todos os séculos:

> *Instruir as crianças com livros pagãos não é somente ensinar-lhes inutilidades, é arrebatá-las a Deus e sacrificá-las ao demônio. Que são todas essas coisas, senão vento e fumaça? Não há, pois, outro meio de cultivar o espírito e de formar para a eloquência? Os vossos louvores, Senhor, tão eloquentemente cantados nas Escrituras, teriam elevado e fixado o meu frágil coração e o teriam impedido de tornar-se presa das aves impuras. Ah! há mais de uma maneira de sacrificar o homem aos demônios. É assim que convém educar a juventude? São esses os modelos que se lhe devem apresentar? Agindo assim, não são nem aves, nem animais, nem mesmo o sangue humano que oferecereis; mas, o que é muito mais abominável, é a inocência da juventude que imolais nos altares de Satanás.*[8]

Depois, de repente, vendo a triste condição da infância, que se arrebata tão cruelmente a Deus, põe-se a chorar e exclama:

> *Vós vedes isso, Senhor, e calais, ó vós que sois cheio de longanimidade, de misericórdia e de verdade. Mas calareis sempre? Não retirareis desse poço do abismo as almas que são feitas para vós e que têm sede do vosso amor?*[9]

Acrescentemos que um dos mais amargos arrependimentos desse grande santo foi ter ele mesmo ensinado retórica seguindo o método pagão, e assim ter corrompido, materializando-o, o coração

dos seus alunos.

Para evitar repetições, não voltarei às autoridades da Idade Média. Vimos que, durante essa época, a proscrição solene dos clássicos pagãos era lei geral e fielmente observada. Citarei apenas a carta de são Gregório Magno a Desidério, bispo de Viena no Delfinado. Esquecendo a proibição feita pelo imortal pontífice a todos os bispos de ensinar aos jovens a literatura pagã, Desidério infringira essa ordem, que se considerava com razão muito importante. Gregório, tendo-o sabido, escreve-lhe nestes termos:

> *Chegou-nos, e não podemos lembrá-lo sem corar, que a vossa fraternidade ensina gramática a alguns. Tal coisa nos causou tanta dor e excitou na nossa alma tão profundo desgosto que as boas notícias que tínhamos recebido de vós se converteram em gemido e em dor; pois os louvores de Júpiter não podem achar-se na mesma boca com os de Jesus Cristo. Considerai que crime, que monstruosidade é encontrar em bispos o que não convém sequer a um leigo religioso. Ora, ainda que o nosso caríssimo filho, o presbítero Cândido, tenha vindo aqui depois que nos anunciaram essa notícia e, tendo sido cuidadosamente interrogado, haja negado o fato, e até procurado desculpar-vos, continuamos contudo inquieto; e quanto mais horrível é contar tais coisas de um sacerdote, tanto mais queremos saber com ciência certa se são verdadeiras ou não. Se, pois, nos for demonstrado que o que nos relataram é falso e que não perdeis tempo a ocupar-vos de ninharias e de letras profanas, daremos graças a Deus, que não permitiu que o vosso coração fosse manchado pelos louvores blasfematórios de homens indignos desse nome.*[10]

Nessa carta tão forte, é o ensino dos autores pagãos aos adolescentes, tal como indicado pelos Padres da Igreja, que é condenado? De modo algum, pois o próprio são Gregório o aprova alhures e era praticado, como vimos, nas escolas da Idade Média.[11] O que é condenado é o ensino da literatura pagã dado por um bispo e dado a crianças; o que é inescusável, acrescenta o pontífice, mesmo num leigo sinceramente religioso, isto é, que compreende tanto a santidade do cristão como a influência desastrosa dos estudos pagãos sobre almas inexperientes.

A essa longa cadeia tradicional acrescentemos um último e brilhante elo. Por volta de meados do século XVI, no momento em que o paganismo ressuscitado na educação invadia a Europa, um desses homens superiores como a ilustre Companhia de Jesus nunca deixou de produzir, o P. Possevino, tremendo pelo futuro, fazia ouvir estas enérgicas palavras:

> *Um antigo disse: A educação não é pouco, é tudo; é o homem, a sociedade, a religião. E disse-o num livro em que revela às nações o segredo da sua grandeza e da sua ruína.*[12] *Com efeito, vemos que os judeus, embora habitando no meio de Roma, embora sendo, pela sua própria dispersão, a prova viva do*

> *cumprimento das profecias e das ameaças de Nosso Senhor contra Jerusalém e a sinagoga; embora tenham cada dia sob os olhos os arcos de triunfo de Tito e de Vespasiano, monumentos eternos da sua ruína; embora sejam convencidos por toda sorte de provas da abolição da sua lei, não se convertem. Por quê? Porque desde a infância receberam com o leite o veneno do erro. Vemos a mesma coisa entre os turcos, os tártaros, os hereges e os cismáticos gregos, que todos permanecem obstinados na sua superstição e nas suas crenças insustentáveis. Por que ainda? Porque a educação lhes cravou, por assim dizer, na cabeça as falsas opiniões dos pais.*

> *Qual pensais, pois, que seja a causa formidável que precipita hoje os homens no abismo do sensualismo, da injustiça, da blasfêmia, da impiedade, do ateísmo? É, não duvideis, que desde a infância lhes ensinaram todas as coisas, exceto a religião; é que nos colégios, viveiros dos Estados, lhes fizeram ler e estudar tudo, exceto os autores cristãos. Se ali se fala de religião, esse ensino se mistura com o ensino impuro do paganismo, verdadeira perda da alma. De que pode servir, pergunto-vos, deitar num vasto tonel um copo de vinho puro, delicioso, bem clarificado, e deitar ao mesmo tempo torrentes de vinagre e de vinho estragado? Em outros termos, que significa um pouco de catecismo por semana com o ensino cotidiano das impurezas e das impiedades pagãs? E contudo é o que se faz em nosso século, de uma ponta à outra da Europa!*

> *Quereis salvar a vossa república? Levai sem demora o machado à raiz do mal; bani das vossas escolas os autores pagãos, que, sob o vão pretexto de ensinar aos vossos filhos a bela língua latina, lhes ensinam a língua do inferno. Vedes? mal saídos da infância entregam-se ao estudo da medicina ou do direito, ou ao comércio, e esquecem logo o pouco de latim que aprenderam. Mas o que não esquecem são os fatos, as máximas impuras que leram nos autores profanos e aprenderam de cor. Essas lembranças ficam-lhes tão gravadas na memória que, toda a vida, preferem ler, dizer, ouvir coisas vãs e desonestas a coisas úteis e honestas: semelhantes a estômagos doentes, rejeitam logo os salutares ensinamentos da palavra de Deus e os sermões e as exortações religiosas que mais tarde lhes vêm dirigir.*[13]

O eloquente escritor pergunta em seguida o que se deve substituir aos autores pagãos, e responde que é preciso voltar ao antigo uso dos clássicos cristãos, uso praticado nas universidades e escolas da Idade Média; uso aprovado, ordenado pelo próprio Deus, pelos Padres, pelos concílios e por mil outras razões;[14] uso que consiste em pôr nas mãos da infância as Atas dos mártires, as Vidas dos santos, a Escritura e os Padres; após o que, sob a direção de mestres esclarecidos e cristãos, ela

poderá, não somente sem perigo, mas ainda com proveito, estudar os autores profanos e julgar sadiamente as suas doutrinas comparando-as às doutrinas cristãs de que terá sido nutrida.

Para tornar práticos esses salutares conselhos e opor um dique qualquer à torrente do mal, um confrade do P. Possevino, o venerável Canísio, mandou imprimir as cartas de são Jerônimo, para uso das classes. Cumpre dizê-lo: essa coleção, adotada em grande número de ginásios e colégios, tanto na Alemanha como no resto da Europa, retardou o movimento invasor do paganismo.

Que direi ainda? A própria Igreja fez ouvir a sua grande voz e proibiu expressamente pôr nas mãos das crianças os livros pagãos.[15] A essa nuvem de testemunhas seria fácil acrescentar muitas outras. Os que acabam de depor parecem bastar para me dar o direito de perguntar se há na história um fato mais bem estabelecido do que a reprovação quinze vezes secular do paganismo na educação; se não há nem presunção nem imprudência em não levar em conta as advertências solenes da sabedoria, do gênio, da experiência e da virtude; se, aos olhos dos Padres da Igreja e dos pontífices, o paganismo clássico não é senão uma simples forma, uma forma inocente, uma forma que não tem nenhuma influência funesta sobre a juventude e, por meio da juventude, sobre a literatura, sobre as artes, sobre a filosofia, sobre as ciências, sobre a religião, sobre a família, sobre a sociedade; numa palavra, sobre a marcha geral das coisas humanas?

---

**Notas**

[1] *Conf.*, liv. V.

[2] *Id.*, *ib.*

[3] *Id.*, *ib.*

[4] *Id.*, liv. I, cap. 16.

[5] *Talis dementia honestiores et uberiores litteræ putantur.* [Tal demência é tida por letras mais honestas e mais ricas.] *Id.*, *ib.*, cap. 13.

[6] *Quid autem mirum quod in vanitates ita ferebar, et a te, Deus meus, ibam foras, quando mihi proponebantur homines, qui aliqua facta sua non mala, si cum barbarismo aut solœcismo enuntiarent, reprehensi confundebantur; si autem libidines suas integris et rite consequentibus verbis copiose ornateque narrarent, gloriosi laudabantur.* [Que há de admirar que eu fosse assim arrastado às vaidades e me afastasse de ti, meu Deus, quando me propunham homens que, se enunciavam com barbarismo ou solecismo algum ato seu não mau, eram repreendidos e confundidos; mas, se narravam as suas paixões com palavras corretas e bem encadeadas, copiosa e ornadamente, eram louvados como gloriosos?] *Id.*, *ib.*, cap. 18.

[7] *Id.*, liv. III, cap. 5.

[8] *Id.*; e *epist. ad Nectarium*.

[9] *Id.*, *ib.*

[10] *Unde si post hæc evidenter ea quæ ad nos perlata sunt falsa esse claruerint, nec vos nugis et sæcularibus litteris studere constiterit, Deo nostro gratias agimus, qui cor vestrum maculari blasphemis nefandorum laudibus non permisit.* [Se, depois disto, ficar claro que é falso o que nos foi relatado e constar que não vos aplicais a ninharias e a letras seculares, damos graças ao nosso Deus, que não permitiu que o vosso coração fosse manchado por blasfemos louvores de nefandos.] *Epist.*, liv. XI, ep. 54, *opp.* t. III, p. 1171, ed. mais recente.

[11] *Comment. in I Reg.*, cap. III, n. 30.

[12] *Non parum sed totum est, qua quisque disciplina imbuatur a puero.* [Não é pouco, mas tudo, a disciplina de que cada um é imbuído desde menino.] Aristóteles, *Polit.*

[13] *Ragionamento del modo di conservare lo stato e la libertà, ai Lucchesi* [Discurso sobre o modo de conservar o Estado e a liberdade, aos lucenses].

[14] *Il modo che con la pratica di molte università e provincie Dio ha mostrato per se stesso, pe' padri antichi, pe' concilj e per mille altri argomenti.* [O modo que, pela prática de muitas universidades e províncias, Deus mostrou por si mesmo, pelos padres antigos, pelos concílios e por mil outros argumentos.] *Id.*

[15] *Antiqui vero libri ab Ethnicis conscripti, propter sermonis elegantiam et proprietatem permittuntur: Nulla tamen ratione pueris prælegendi erunt.* [Os livros antigos escritos pelos gentios são permitidos pela elegância e propriedade da linguagem; por nenhuma razão, porém, devem ser lidos aos meninos.] *Reg. Indic.*, por ordem do conc. de Trento, ed., reg. VII.

---

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:22 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:22 by Admin